

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

DOSSIÊ: “ANTROPOLOGIA E MONTAGEM NO FILME ETNOGRÁFICO E NA FOTOGRAFIA”A

Lisabete Coradini¹

Oswaldo Giovannini Júnior²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil

²Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Montar é viajar no tempo – Alberto Tupã Ra’y

Este dossiê “Antropologia e Montagem no Filme Etnográfico e na Fotografia” procura trazer contribuições para a produção de pesquisa com imagens na antropologia. Nossa intenção é promover o debate e a reflexão sobre processos criativos, investigativos da realidade e de linguagem e comunicação na produção de etnografias fílmicas, roteiros de edição, fotografias e os resultados obtidos a partir da técnica, da tecnologia, da estética e das gestualidades empregadas na montagem.

Tratar da questão da montagem em filmes etnográficos implica refletir sobre a função do roteiro de edição na produção de filmes etnográficos; as escolhas de duração de planos e suas conexões na composição de cenas dramáticas; o uso de imagens de acervos; e os processos de colaboração com interlocutores/atores/protagonistas. Na fotografia, a montagem tem sido debatida não apenas como simples cortes arbitrários do mundo mas também como impressões visuais do tempo. Seja em etnografias fílmicas, seja em fotografia, mapas ou colagens, a montagem também está presente em processos de ensino-aprendizagem da antropologia visual como espaço de trocas pedagógicas.

O tema da montagem, com técnica, linguagem e intencionalidade, foi amplamente discutido entre críticos e teóricos do cinema (Moussinac, Martin, Munch, Journot, Jacques Aumont, Deleuze) e entre cineastas e montadores (Eisenstein, Dziga Vertov, Tarkovski, Agnès Varda, John Grierson, Jean-Luc Godard, Jean-Louis Comolli, Joana Colier). O tema também perpassou os movimentos estéticos de maior relevância histórica (construtivismo, clássico, impressionismo, surrealismo, neorealismo italiano, nouvelle vague). Na antropologia, algumas reflexões sobre técnica, ética e metodologia de pesquisa encontraram lugar nos trabalhos de Flaherty, Jean Rouch, Gardner, Heider, Didi-Huberman, Etienne Samain.

A diversidade de artigos apresentados traz uma reflexão sobre a produção de pesquisa com imagens na antropologia em suas interfaces com o cinema, a arte e a fotografia. As reflexões, desenvolvidas nos trabalhos

tanto com fotografias quanto com filmes, destacaram a importância da montagem no processo de construção do conhecimento sobre as sociedades e suas culturas, as pessoas e as intersubjetividades. A montagem aparece na maioria dos trabalhos como um momento privilegiado de reflexão, compondo-se ela mesma como uma metodologia de investigação etnográfica. Numa alusão a Etienne Samain, podemos dizer que a montagem das imagens pensa e nos faz pensar. Revendo as imagens produzidas em pesquisa e colocando-as em relação umas após as outras na montagem, nós nos debruçamos sobre nossos dados de investigação, conversamos novamente com nossas/nossos interlocutoras/interlocutores, repensamos o campo de pesquisa, sofisticamos a reflexão etnográfica e conhecemos mais o mundo.

Abrindo o dossiê, Oswaldo Giovanni e Lisabete Coradini, no artigo *NAVEGANTES: DA ETNOGRAFIA FÍLMICA À NARRATIVA DA MONTAGEM*, propõem uma aproximação entre a arte cinematográfica da montagem e do encadeamento de planos com a escrita etnográfica. O resultado é a articulação de um sistema do qual o montador faz parte, um circuito em que personagens filmados, objetos, movimentos da natureza e pesquisador/montador formam um sistema de imagens que pensam.

O segundo texto é assinado por Ana Lucia Ferraz e seu título é *EM BUSCA DE UM ROTEIRO DE EDIÇÃO: A DESMONTAGEM DA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA*. A partir da pesquisa realizada com os Avá Guarani situados nas margens transnacionais do rio Paraná, a autora discute a desmontagem do filme etnográfico. Com a proposta de expandir o cinema para a instalação, a autora realiza outras formas de imersão no material etnográfico.

Eduardo Donato, com o artigo *O USO DE FERRAMENTAS DE ACESSIBILIDADE NO FILME ETNOGRÁFICO: LEGENDA, AUDIODESCRIÇÃO E LIBRAS*, traz reflexões inéditas sobre a relação entre filme etnográfico e as políticas atuais de acessibilidade. A partir da experiência de montar o filme documentário Garapirá, o autor expõe os desafios de incluir as ferramentas de legendagem, Libras e audiodescrição e como esse processo interpela a própria concepção da pesquisa fílmica.

O texto *MIRAR MONTAGENS E MONTAR MIRAGENS COM AUDIOVISUAIS: TEMPOS E MEMÓRIAS EM DOCUMENTÁRIOS SOBRE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO CEARÁ*, de Daniel Macêdo, traz como tema a questão dos campos de concentração cearenses na época das grandes secas no sertão. O autor desenvolve o tema a partir da análise das intencionalidades narrativas do advogado, pesquisador e produtor audiovisual Waldecy Alves, que se dedica ao tema. O autor pretende chamar a atenção para posicionamentos políticos com relação aos fatos históricos que se realizam com as montagens audiovisuais, por meio de um exercício de desmontar e remontar documentários, apontando para a instabilidade das narrativas por imagens.

“NA PAREDE DA MEMÓRIA ESSA LEMBRANÇA É O QUADRO QUE DÓI MAIS”: FENDAS NO TEMPO, HISTÓRIAS DE VIDA E O OLHAR FOTOGRÁFICO NO FAZER ANTROPOLÓGICO, de Vanessa Oliveira Rocha, reflete como a convergência de fotografias e narrativas orais emerge como ferramenta poderosa para o resgate de histórias de vidas e memórias das mulheres. A pesquisa traz histórias invisibilizadas, buscando questionar as narrativas tradicionais, apontando para a produção de conhecimento com mirada pós-textual.

O artigo POÉTICAS DA MONTAGEM: DESCONTINUIDADES DAS TEMPORALIDADES URBANAS E A MEMÓRIA LARGA NA CIDADE DO NATAL/RN, dos autores Arthur Pereira e José Duarte Barbosa Júnior, discute as relações entre imagem, tempo e cidade, utilizando a montagem como método antropológico para explorar as transformações urbanas e as memórias na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Conceitos como montagem, temporalidade e memória são centrais para a análise das descontinuidades urbanas.

Em FOTOGRAFIA NA ESCRITA ANTROPOLÓGICA: MÉTODOS E REFLEXÕES A PARTIR DA CENA ROCK DE MARABÁ (PA), de Laudimiro Pereira da Silva e Majin dos Santos Silva, discutem-se algumas questões sobre as imagens e a escrita e como essa relação entre elas contribui para a compreensão mais profunda e sensível dos contextos sociais e culturais investigados.

ANTROPOLOGIA, ARTESANIA E CIANOPOTIA: COSTURAS DE FOTOGRAFIAS VIAJANTES DESDE O ARTESANAL, de Ester Paixão Correa, traz diálogos sobre o fazer artesanal e a antropologia a partir das experiências com a produção de fotografias utilizando a cianotipia como técnica analógica de criação de imagens. A autora põe em foco o processo no qual a artesanania, a fotografia e a antropologia se interseccionam.

O artigo POR UMA POÉTICA DECOLONIAL DA MONTAGEM: ATUALIZAÇÃO DOS ARQUIVOS NO GESTO ARTÍSTICO DE ROSANA PAULINO, de Diego Amaral, propõe uma análise da obra da artista Rosana Paulino a partir de uma perspectiva decolonial, relacionando a antropologia e a fotografia como campos que se influenciam e trabalham mutuamente na construção e criação da representação. O autor procura pensar a influência da fotografia sobre a etnografia e o legado da produção etnográfica sobre a memória visual brasileira a partir da poética da montagem.

O ensaio visual OLHARES ENCRUZOS: MARGEANDO O *PE PIHUN* – CAMINHO PRETO DA BR-226 SOBRE A T.I CANA BRAVA traz experiências audiovisuais que buscam questionar as imagens “dos/sobre índios”, contribuindo tanto para uma reflexão das relações interétnicas como para o campo da utopia intercultural. A proposta apresenta uma etnografia visual desvinculada de um academicismo fechado, permitindo-se experimentações com conversações engajadas e com os problemas que são, antes de tudo, das pessoas, do coletivo.

Por fim, é importante dizer que este dossiê é produto de colaboração entre dois grupos de pesquisa: Navis (DAN/PPGAS/Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Avaedoc (Graduação em Antropologia/Rio Tinto/Universidade Federal da Paraíba). Observamos que as reflexões trilhadas pela antropologia visual careciam de uma discussão sobre montagem. Esse dossiê traça um breve panorama realizado por pesquisadoras(es) que embarcaram nessa sinergia, acreditando na urgência dessa temática.

Nosso profundo agradecimento às pessoas que enviaram seus artigos, aos pareceristas, e aos editores da Revista Vivência.

A capa é uma montagem fotográfica de Arthur Lima e José Duarte, nosso sincero e afetuoso agradecimento.